

Desgraça Nacional: A Invenção do Trabalhismo e a experiência do locutor Gagliano Neto na Copa do Mundo de 1938

Helcio Herbert Neto^I

Resumo: O radialista Gagliano Neto foi o responsável pelas transmissões dos jogos da seleção que representou o Brasil na III Copa do Mundo de futebol, disputada em 1938 na França. Este artigo pretende examinar a repercussão de suas narrações a partir da perspectiva de *A Invenção do Trabalhismo*, livro da pesquisadora Angela de Castro Gomes sobre a organização dos trabalhadores no século XX. As reações decorrentes da experiência do locutor na Europa colocam em questão a identidade nacional no Estado Novo.

Palavras-chave: A Invenção do Trabalhismo; Gagliano Neto; Identidade nacional.

National Disgrace: A Invenção Do Trabalhismo and the Gagliano Neto's experience during the 1938 World Cup

Abstract: Gagliano Neto was the sportscaster during the Brazilian campaign during the III World Cup, in 1938 in France. This article aims to examine the repercussion of their narrations based on *A Invenção do Trabalhismo*, a book by researcher Angela de Castro Gomes on the organization of workers in the 20th century. The reactions resulting from the speaker's experience in Europe call into question the national identity in the Estado Novo.

Keywords: The Invention of Labor; Gagliano Neto; National identity.

Artigo recebido em 06/03/2023 e aprovado em 13/05/2023.

**DESGRAÇA NACIONAL: A INVENÇÃO DO TRABALHISMO E A
EXPERIÊNCIA DO LOCUTOR GAGLIANO NETO NA COPA DO MUNDO DE
1938**
HELICIO HERBERT NETO

“A perda do team brasileiro para o italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se tratasse de uma desgraça nacional”^{II}

O presidente Getúlio Vargas anotou em diário sua reação à eliminação da seleção que representava o Brasil na Copa do Mundo de 1938, na França. O relato reaviva as impressões dos ouvintes que, do outro lado do Atlântico, acompanharam frustrados a derrota para o time da Itália – que terminaria o torneio com o título. O principal intérprete da competição foi Gagliano Neto: coube ao narrador e comentarista esportivo descrever o desenlace da campanha brasileira pelo rádio, *media* de maior alcance à época. O feito, entretanto, é um intenso foco de controvérsias por colocar em questão o ideal de imparcialidade durante as transmissões em radiodifusão, principalmente nas esportivas. A menção à passagem nos registros do político denuncia a escala que a comoção tomou.

O propósito deste artigo é investigar essa exigência de uma postura imparcial a partir do caso do narrador do Mundial de 1938, mais especificamente do ponto de vista da nacionalidade. Apesar do sobrenome, Leonardo Gagliano Neto não era italiano – nascido no Recife, o radialista participaria de momentos decisivos para a expansão da radiodifusão no Brasil a partir do Rio de Janeiro, então Distrito Federal^{III}. A iniciativa, assim, desloca o foco para o comunicador no torneio que é determinante para o futebol pátrio. Com o destaque da equipe brasileira e a performance individual de seus jogadores, a campanha ajudou a definir a retórica da cobertura esportiva, que se manteria mesmo com o passar das décadas e mereceu trabalhos de diferentes vertentes^{IV}.

É necessário, contudo, retomar o episódio por meio do conceito de radiodifusão esportiva^V. Em vez de tratar a participação de Gagliano Neto como uma expressão do radiojornalismo – atitude que, acima de tudo, incorreria em anacronismo devido à tardia consolidação das práticas jornalísticas nas emissoras brasileiras, apenas nos anos 1940 –, é imprescindível se concentrar na dimensão oral, passional e conectada à cultura popular^{VI} da cobertura dos acontecimentos do esporte. Devido a essas nuances, muitas das práticas do rádio foram mantidas com a emergência da televisão em 1950, apesar de nítidas transformações como a presença de imagens^{VII}. O instante em que está inserida a campanha brasileira é rico. Antecede o florescimento da Rádio Nacional como empresa estatal, às custas da encampação ainda durante o Estado Novo em 1940^{VIII}. Em contrapartida, as disputas se dão na França um ano após recrudescimento do regime, com intensas consequências políticas, sociais, culturais e esportivas^{IX}. É ainda mais considerável essa passagem por conta da relevância que o próprio radialista assumiu no desenvolvimento do rádio no país, com suas ambivalências e trajetória pessoal.

A proposta de encarar conflitos de diferentes ordens no Brasil República à luz da radiodifusão esportiva não é inaugural e se inscreve em uma linhagem de trabalhos^X. Ainda assim estudos sobre a metade inicial do século XX são raros. Ações nesse sentido esbarram na escassez de fontes históricas, conforme pontua Napolitano^{XI}. As lacunas derivam da falta de políticas públicas para conservação desses documentos históricos e

**DESGRAÇA NACIONAL: A INVENÇÃO DO TRABALHISMO E A
EXPERIÊNCIA DO LOCUTOR GAGLIANO NETO NA COPA DO MUNDO DE
1938**
HELICIO HERBERT NETO

do pouco interesse de empresas privadas na manutenção de acervos, que demandariam mais investimentos^{XII}. Serão examinados, dessa maneira, outros recursos para dar conta do episódio. O apelo do futebol fez com que livros a respeito da modalidade e das principais personalidades relacionadas ao seu universo legassem registros para futuros pesquisadores. Esses elementos são de grande valor para montar o mosaico da cobertura de Gagliano Neto na França. As citações aos acontecimentos surgem de maneira pouco sistematizada, o que justifica os esforços para o artigo. A cobertura esportiva na imprensa escrita auxilia nessa tarefa. Apresenta contudo, outros problemas, a exemplo do caráter fragmentado e disperso, igualmente distantes da oralidade da narração em tempo real e dos desdobramentos contemporâneos no rádio.

Enviado pela Rádio Clube do Brasil, Gagliano Neto narrou o percurso da seleção brasileira até o fim da participação no Mundial – repleto de embates, a começar pela vitória do time que representava a Itália, à época sob o controle de Mussolini^{XIII}. A eliminação para a futura campeã também foi revestida de suspeitas, seja por conta das dúvidas sobre a marcação de um pênalti a favor dos europeus, seja pela esperança de que houvesse uma anulação da partida^{XIV}. Os choques entre os membros da cobertura esportiva na França e os atletas são igualmente relevantes^{XV}. É imprescindível buscar uma bibliografia que dê conta desses enfrentamentos de maneira mais ampla.

A referência para os conflitos que a cobertura do radialista levou a cabo é *A Invenção do Trabalhismo*^{XVI}. O estudo de Gomes recupera as lutas sociais anteriores ao Estado Novo para compreender como as políticas voltadas aos trabalhadores não foram concessões, mas conquistas vinculadas a pautas de movimentos contestatórios de antes da chegada de Vargas ao poder em 1930. As continuidades serão incontornáveis para a compreensão das reações em 1938, ao passo que as contextualizam. O livro não trata diretamente do futebol. No contato da cobertura esportiva com a política, a perspectiva da autora já havia estimulado, de certa maneira, a pesquisa de Coutinho^{XVII}, mesmo que com finalidades diferentes.

Sem desconsiderar nenhuma dessas nuances, o artigo será constituído de quatro seções a partir dessa apresentação. A primeira insere Gagliano Neto na paisagem do desenvolvimento da radiodifusão no Brasil, por meio de um panorama mais amplo sobre o rádio, sua infraestrutura e seus vínculos com as transformações na realidade do país. Em seguida, é a relação dos estrangeiros com o Estado brasileiro que ganha espaço: os motivos por trás das reviravoltas na receptividade aos imigrantes serão sublinhados. A terceira se concentra na repercussão da cobertura do Mundial de 1938 realizada pelo radialista, com ênfase nos traços de xenofobia. Somente então serão expostas as considerações finais.

‘Locutor de encomenda’: Gagliano Neto e o desenvolvimento da radiodifusão

A trajetória de Gagliano Neto contribui para iluminar a formação e o fortalecimento da radiodifusão esportiva brasileira antes da década de 1940, embora o radialista tenha mantido atividades que transcendiam a cobertura dos acontecimentos

**DESGRAÇA NACIONAL: A INVENÇÃO DO TRABALHISMO E A
EXPERIÊNCIA DO LOCUTOR GAGLIANO NETO NA COPA DO MUNDO DE
1938**
HELICIO HERBERT NETO

esportivos, como poderá ser visto a seguir. Entretanto, sua carreira tem passagens muito significativas na chamada Era do Rádio^{XVIII}, que compreende um período posterior ao fim dos anos 1930 – sucede, portanto, a Copa do Mundo de 1938. É interessante observar a sua atuação na organização dos veículos de comunicação, para além da condução das transmissões no ar. Sob esse aspecto, a *Resenha Esportiva* é fundamental.

A faixa radiofônica da Rádio Nacional apresentava comentários a respeito de partidas de futebol disputadas anteriormente, geralmente no mesmo dia, e se notabilizou por ocupar as noites dos ouvintes sintonizados na emissora estatal – a despeito de ao longo do tempo a sua incidência no calendário da emissora ter sofrido alterações^{XIX}. Desde 1941, há registros sobre a faixa nas seções de programação na imprensa. Inicialmente, acompanhados pelo nome de Gagliano Neto, ainda muito reconhecido como intérprete dos feitos da seleção brasileira^{XX}. *Resenha Esportiva* não era carregada de tons cômicos ou passionais, mas deixava explícita a tentativa de transparecer certo rigor analítico^{XXI}.

Essa inclinação não pode ser encarada como simples preferência pessoal dos diretores à frente da Rádio Nacional. Uma compreensão mais abrangente das transformações na comunicação de grande alcance brasileira facilita a percepção do que estava em jogo nas opções editoriais. Mesmo que não trate especificamente da cobertura dedicada aos esportes, Ortiz oferece instrumentos para que a relação da comunicação com a realidade social no país seja esmiuçada^{XXII}. O percurso até a consolidação do rádio e da televisão como *media* de alcance nacional e penetração em diferentes camadas da sociedade norteia todo um trabalho do pesquisador^{XXIII}.

É provável que a distância que a *Resenha Esportiva* conserva das faixas esportivas contemporâneas com mais humor^{XXIV} se deva às diretrizes, estabelecidas no Estado Novo, para orientar a consolidação do rádio no Brasil. Ortiz indica que os intelectuais que propugnavam as diretrizes do governo concebiam uma radiodifusão com interesses estratégicos, na qual a comunicação pública seria coordenada e disciplinada pelo poder centralizado^{XXV}. O que ia ao ar pelas antenas da Rádio Nacional simbolizaria essa proposta oficial. A intelectualidade estadonovista, contudo, também concedeu espaço para emissoras particulares, com seus recursos de origem publicitária^{XXVI}.

Ortiz destaca que houve uma composição com interesses privados para promover o avanço das transmissões no Brasil e que essa proposta teve desdobramentos para as atrações que foram irradiadas na Rádio Nacional^{XXVII}. Em geral, o rádio tinha vocação regional, continua o pesquisador, dada a limitada integração por radiodifusão no país^{XXVIII}. O autor defende que, até 1950, “o que acontecia é que algumas emissoras mais potentes se limitavam a irradiar seus programas a partir de suas bases geográficas, mas elas não se constituíam em centro integrador da diversidade nacional”^{XXIX}. É o caso das retransmissões da *Resenha Esportiva*: o interesse pelas observações de Gagliano Neto motivou outras emissoras a retransmitirem a *Resenha Esportiva*, como no caso da Rádio Jornal do Brasil em 1943^{XXX}.

Não é possível limitar o comportamento de Gagliano Neto ao comedimento da *Resenha Esportiva*. Pelo contrário: a postura menos expansiva do radialista é motivada muito mais pela conjuntura da radiodifusão àquela altura do que por características

DESGRAÇA NACIONAL: A INVENÇÃO DO TRABALHISMO E A EXPERIÊNCIA DO LOCUTOR GAGLIANO NETO NA COPA DO MUNDO DE 1938

HELICIO HERBERT NETO

peçoais. Há registros de que no ano seguinte o radialista seria substituído por Antonio Cordeiro, que manteria essa tendência^{XXXI}. A trajetória do narrador da campanha brasileira em 1938 ilustraria as tensões entre, de um lado, a exaltação e a tomada de partido, e, de outro, a sobriedade e a imparcialidade. O exemplo da Rádio Continental é muito característico. Besspalok afirma que existe uma continuidade entre o incipiente radiojornalismo e a programação da emissora comercial, cuja estreia se deu em 1948^{XXXII}.

Em vez de seguir a propensão de outras concorrentes – que privilegiavam a transmissão de variedades –, a emissora deu ênfase à informação. Com sede em Niterói, a Rádio Continental, contudo, manteve faixas musicais^{XXXIII}. Inicialmente, o período da madrugada era integralmente dedicado aos boletins informativos^{XXXIV}. O diretor responsável por colocar em prática esse enfoque em informação foi o mesmo Gagliano Neto. Na primeira fase da Rádio Continental, sob o comando do narrador, o esporte também teve espaço^{XXXV}. Apesar da abordagem do jornalismo – e dos valores que o acompanham –, a presença de Gagliano Neto não se demonstrou sempre atrelada aos ideais de objetividade, imparcialidade e neutralidade.

O “Caso Campeão” simboliza isso: a imprensa noticiou que o locutor e executivo da comunicação comentou no ar a respeito de uma briga judicial contra as Empresas Reunidas de Publicidade S.A., que editavam o jornal *Correio da Noite* e a publicação esportiva *Campeão*, na própria Rádio Continental^{XXXVI}. O radialista tomou publicamente partido de uma das partes em litígio, o que desagradou a outra. Em 1950, decisão da 13ª Vara Cível do Distrito Federal o condenou a arcar com os custos e honorários dos advogados de defesa, em ação movida pelo radialista, que nem apareceu no dia da audiência^{XXXVII}. O texto indica que Gagliano Neto aproveitava a oportunidade de comentar para discutir outros assuntos perante a audiência.

Isso reforça o caráter espontâneo do que era dito por comentaristas, mas igualmente remete aos dilemas administrativos das emissoras de rádio. Nos anos 1940, Gagliano Neto já demonstrava preocupação com as alterações técnicas das transmissões^{XXXVIII}. Na sua percepção, os tempos de áudio com baixa qualidade haviam ficado para trás – em clara sinalização a aspectos comerciais. A sua fase à frente da Rádio Continental não é a primeira do narrador em postos diretivos: houve, após o impacto do Mundial de 1938, uma promoção, segundo Otrivano, em episódio controverso^{XXXIX}. Com o desfecho da passagem pela Rádio Continental, Gagliano se transferiu para a emissora estatal: “Foi promovido ao cargo de diretor geral da Rádio Clube do Brasil e, partindo do princípio de que rádio é sonhar, tentou voos mais altos reunindo na emissora dos Irmãos Buyinton a *nata do rádio brasileiro*. Como dirigente, suas iniciativas de formar um *cast fabuloso* foram malogradas”^{XL}. Os registros não devem ser considerados um atestado da incapacidade do radialista enquanto gestor: as impressões denotam a formação de uma figura pública atribulada. A construção reporta inegavelmente o debate à década de 1930. Nesse sentido, as memórias do também radialista Luiz Mendes são importantes.

A primeira recordação que o apresentador e comentarista esportivo guardava sobre futebol no rádio era marcada por uma conduta profundamente parcial: de acordo com o seu relato, durante transmissão Gagliano Neto demonstrou claramente suas

**DESGRAÇA NACIONAL: A INVENÇÃO DO TRABALHISMO E A
EXPERIÊNCIA DO LOCUTOR GAGLIANO NETO NA COPA DO MUNDO DE
1938
HELICIO HERBERT NETO**

preferências ao narrar uma partida, o que despertou a raiva do público do Rio Grande do Sul e teria levado à interrupção da irradiação pela Rádio Farroupilha^{XL}. No jogo, disputado em 1937, o narrador tomava partido dos paulistas em detrimento dos gaúchos envolvidos na disputa^{XLII}. Cabe o destaque à origem do futuro radialista, já que Mendes havia nascido no estado da fronteira sul brasileira. Se avaliadas isoladamente, as passagens de Gagliano Neto soam apenas como caricaturas de parcialidade. Entretanto, essas experiências realçam a disposição para a tomada de partido em décadas iniciais do rádio do país.

‘Fato bastante grave’: repressão aos movimentos contestatórios

Gomes enfrenta a história no Brasil ao longo do século XX sob um ponto de partida peculiar: as dinâmicas das classes subalternizadas, seus anseios e conquistas^{XLIII}. A orientação, entretanto, não concede aos movimentos de operários urbanos narrativas salvacionistas ao relatar perseguições, continuidades e rupturas das bandeiras políticas. A abordagem tem consequências decisivas para que processos determinantes para o país sejam compreendidos, a exemplo da organização dos movimentos populares^{XLIV}; da investida contra a democracia em 1964^{XLV}; e do interregno entre dois períodos autoritários, o Estado Novo e a ditadura^{XLVI}. Cada pesquisa tem traços específicos, assim como os autores igualmente mantêm feições próprias.

Em *A Invenção do Trabalhismo*, Gomes explora esse outro ângulo de visão: “O que se deseja neste estudo é questionar toda esta linha interpretativa. Para tanto, vai-se retomar o processo histórico de construção da identidade coletiva da classe trabalhadora no Brasil para compreender melhor as razões do sucesso do projeto trabalhista”^{XLVII}. Adiante, os objetivos são descritos diretamente – “Isto significa investigar: 1) quem foram seus principais artífices; 2) quando foi testado e implementado; 3) que recursos de poder foram mobilizados pelo Estado; e 4) que elementos básicos este discurso trabalhista articulou”^{XLVIII}. Os propósitos se avizinham da radiodifusão, uma vez que autora se aprofunda na utilização do rádio para que esse objetivo fosse alcançado^{XLIX}.

A expansão por meio do caso de Gagliano Neto para a Copa de 1938 prevê ênfase em um dos seus principais personagens, demonstra interesse pela implementação da retórica da cobertura esportiva no Brasil, reconsidera a função dos veículos de comunicação para a formação dessa identidade com o futebol, e encara os aspectos políticos mobilizados nesse processo. O recorte temporal é propício: coincidem um período imediatamente após a instauração do Estado Novo e um torneio que ativa o sentimento nacional. “Foi basicamente a partir dos anos do pós-30 e especialmente no período do Estado Novo que a classe trabalhadora foi incorporada como um ator relevante – e até mesmo central – ao cenário da política nacional”^L. A perspectiva de Gomes confere centralidade a esses movimentos urbanos no período: “Neste sentido, o acesso da classe trabalhadora à cidadania no Brasil assumiu contornos bem significativos”^{LI}. A experiência de Gagliano Neto não diz respeito à organização de trabalhadores. Entretanto, está relacionada diretamente à cultura popular, dado o apelo que a modalidade apresentava no período inicial do século XX^{LII}.

**DESGRAÇA NACIONAL: A INVENÇÃO DO TRABALHISMO E A
EXPERIÊNCIA DO LOCUTOR GAGLIANO NETO NA COPA DO MUNDO DE
1938
HELICIO HERBERT NETO**

A popularidade da ainda incipiente radiodifusão igualmente deve ser considerada. A proposta de avaliar a identidade nacional no futebol, assim, inverte a abordagem sobre a política no Brasil republicano, com efeito no eixo do patriotismo. Por isso, a atenção à cultura popular é necessária. Ao lançar um olhar sobre mobilizações e reações governamentais perante reivindicações sociais, Gomes assinala como o sentimento patriótico se associa com as disputas por direitos: “Elites dirigentes do país, com lógica semelhante à utilizada para qualificar os socialistas de ameaça à República recém-proclamada, construíram uma estratégia política que identificava os anarquistas como estrangeiros e terroristas”^{LIII}. A constatação é fruto do exame do período anterior à chegada de Vargas ao poder em 1930. “Nesta posição de mal externo que corrói a nacionalidade, eles se tornaram os mais radicais inimigos da ordem”^{LIV}.

Caso seja avaliada por essa ótica, a expressão da brasilidade é complexa e rica em ambiguidades. Gomes ressalva que havia manifestações quase antagônicas de nacionalismo – “Evidentemente, o patriotismo no Brasil tinha dois pesos e duas medidas. Havia o patriotismo daqueles que queriam a guerra e não estabeleciam qualquer tipo de restrição a que os estrangeiros no Brasil detivessem o controle sobre o comércio e a indústria”^{LV}. Essas tendências mais hidrófobas do sentimento nacional conviviam com outras, de caráter popular e contestatório: “Havia o patriotismo dos trabalhadores que, por sinal, quando faziam suas denúncias e reivindicações, eram tachados pelos primeiros de antipatriotas”^{LVI}.

O deslocamento de grandes contingentes italianos para o Brasil no começo do século – com o paulatino desenvolvimento de cidades e manifestações públicas de insatisfação –, facilitou a estigmatização, conforme aponta Gomes. A autora registra que foi um estrangeiro dessa nacionalidade que levantou de forma inédita para a imprensa a possibilidade de a saída para a realidade brasileira ser o regime comunista^{LVII}. A publicação do início da década de 1920 retomava lutas sociais anteriores, mas antecede a formação, a consolidação e o progressivo aumento de apelo entre as camadas trabalhadoras do Partido Comunista no contexto brasileiro. Essa associação não deve ser encarada de maneira automática, uma vez que tensões permanecem sobre esses vínculos.

Inicialmente, porque entre os empresários dos anos 1910 e 1920 havia descendentes de italianos^{LVIII}. Em seguida, por conta da complexa relação institucional que é construída com a Itália na primeira metade do século XX: “Nosso regime diferenciava-se dos demais corporativismos (alemão, italiano, austríaco e até português e espanhol), já que adotava uma estrutura organizativa eminentemente representativa. O corporativismo brasileiro consagrava o direito de a própria produção organizar-se através de sindicatos”^{LIX}. Trabalhos com inclinações distintas se ativeram às diferenças da Era Vargas na comparação com o país europeu e seus aliados^{LX}. A presença dessa expressão mais excludente da brasilidade tem implicações institucionais. As perseguições a estrangeiros ou a conexão entre outras nacionalidades e a subversão exemplificam isso. Gomes, porém, traça um panorama mais abrangente ao identificar como foi o processo de construção do ideal de cidadania no Brasil durante os quinze primeiros anos do político gaúcho na presidência da República. Ressalta os pleitos de movimentos anteriores para

DESGRAÇA NACIONAL: A INVENÇÃO DO TRABALHISMO E A EXPERIÊNCIA DO LOCUTOR GAGLIANO NETO NA COPA DO MUNDO DE 1938

HELICIO HERBERT NETO

identificar conquistas, reformulações na organização populares e de trabalhadores para delinear os cidadãos propostos pelo governo^{LXI}.

Havia uma tradição, inscrita em políticas públicas, mais acessível. “Nosso passado liberal conduziu ao exercício de uma política de estímulo à entrada de imigrantes no país. Esta era a regra, embora em alguns períodos – como aconteceu no início dos anos 1920 – ocorressem certas restrições”^{LXII}. As referidas limitações proibiam a vinda de mais europeus e estabeleciam os casos para expulsão. Entretanto, uma ruptura emergiria: “Mas só a partir da década de 30 tal questão seria efetivamente considerada fundamental. Já na plataforma da Aliança Liberal, Getúlio Vargas previa, com segurança, as implicações de um não controle da imigração”^{LXIII}. O nacionalismo e, conseqüentemente, a interação com os estrangeiros não são tópicos laterais nos estudos sobre futebol no Brasil. Pesquisadores convergem ao identificar que aproximadamente no mesmo momento a modalidade é alçada a elemento de identidade nacional^{LXIV}. Somente uma leitura enviesada, que considere essa modalidade esportiva algo desconectado dos dilemas da sociedade brasileira, não se interessaria pela interseção das disputas políticas daquele período com o desenvolvimento do esporte.

‘Italiano Neto’: a repercussão após a derrota na Copa do Mundo de 1938

Pesquisadores apontam que no final dos anos 1930 houve elaborações essenciais para o entendimento dessa ligação do futebol com a identidade nacional no Brasil^{LXV}. De autoria de Gilberto Freyre e publicada na imprensa, uma concepção do estilo brasileiro de praticar a modalidade mesclava estética e interpretação social para explicar o recém-instaurado interesse internacional pelo modo de jogar no país. A proposta ganha espaço na cobertura esportiva, inclusive na radiodifusão, e estabelece parâmetros que serão mantidos por décadas nas transmissões esportivas^{LXVI}. Um fator, todavia, escapa de muitas análises: há na conceituação freyriana a respeito do futebol uma evidente oposição entre o estilo nacional, plástico e similar a dança, e as expressões estrangeiras, mais angulosas e ríspidas^{LXVII}. É ainda mais interessante atestar que a contraposição se dá, principalmente, na relação com os europeus. Além disso, o futebol pátrio é ilustrado como resultado instintivo do mulatismo, em comparação ao científico comportamento dos jogadores dos outros países – o aspecto mais crítico na formação desse antagonismo é a associação dos estrangeiros ao socialismo^{LXVIII}, o que evoca estigmatizações contra movimentos populares.

A concepção de Freyre veio a público justamente durante a campanha da seleção brasileira na Copa do Mundo da França – a última antes do princípio da Segunda Guerra Mundial^{LXIX}. O destaque da equipe, liderada pelo ídolo negro Leônidas da Silva, motivou a pensata freyriana e sintetizou suas propostas de miscigenação. Com isso, emerge a tradição irascível ante os estrangeiros que a pesquisa sobre a invenção do trabalhismo descreve. Dono da voz encarregada de comunicar os acontecimentos, Gagliano Neto estaria igualmente em evidência e a cobertura do torneio também seria atravessada por essas dimensões. Os registros no âmbito da cobertura esportiva, do desempenho do time

**DESGRAÇA NACIONAL: A INVENÇÃO DO TRABALHISMO E A
EXPERIÊNCIA DO LOCUTOR GAGLIANO NETO NA COPA DO MUNDO DE
1938**
HELICIO HERBERT NETO

e da própria ideia de um futebol genuinamente brasileiro colaboram para a aura inaugural. A trajetória da delegação é contemplada por trabalhos acadêmicos^{LXX} e jornalísticos^{LXXI}; em geral, a viagem para a França é descrita, em contexto com meios de transportes precários, como uma epopeia que cativou o público e chamou a atenção dos veículos de imprensa – a despeito dos poucos enviados especiais, entre os quais o próprio titular da Rádio Clube do Brasil. A percepção apressada de uma gênese quase mitológica se distancia do fazer histórico e precisa ser enfrentada com precisão para que aquele momento seja compreendido em suas complexas esferas, atlética e política.

É Agostino quem acena com a pouca receptividade ao comportamento do narrador: “O locutor Gagliano Neto, o primeiro a transmitir um jogo de futebol da Europa para a América, considerou o pênalti legítimo, enquanto muitos cogitavam no Brasil de que o jogo pudesse ser anulado”^{LXXII}. A resistência ao radialista pode ser analisada de maneira particular, causada por idiossincrasias que deixavam os torcedores descontentes. Não obstante, a referência a suposta nacionalidade velada suscita os vínculos históricos de estrangeiros com as lutas sociais. A intrincada constituição da cidadania no Brasil, em um período ditatorial, sublinha essas proximidades. Principalmente se for levada em consideração a acusação em questão: “Transparecendo o nacionalismo latente de um mundo que destilava xenofobia, o locutor foi duramente atacado pelos próprios brasileiros, passando a ser chamado de ‘italiano nato’ e tendo sua carreira de radialista seriamente comprometida”^{LXXIII}. A imaginada nacionalidade era entendida como um fator que depreciava a carreira e até a capacidade de julgar. É permitido cogitar que essa resistência seja a reverberação na cultura popular do histórico de medidas contra estrangeiros, muito associados a sindicatos e atos contestatórios, embora não haja evidência nesse fragmento da participação do narrador.

Um exame mais detido na performance do radialista durante os jogos possibilitaria a avaliação dos traços que motivaram essas reações calorosas. Entretanto, somente pelo acompanhamento realizado na imprensa permanecem os vestígios, mesmo assim fragmentários. Distante do Rio de Janeiro – da sede da Rádio Clube do Brasil, portanto –, o jornal *O Dia* do Paraná expôs indícios veementes desses atravessamentos. A publicação dedica um destaque em duas colunas à crítica ao locutor quando sobrepõe ataques de caráter moral e a dificuldade de leitura das jogadas^{LXXIV}. O que a complexifica é o uso de declaração de diferentes jogadores para amparar os argumentos. No texto publicado após o término do Mundial, ainda em 1938, a questão racial também está presente: “Contra a atuação do ‘speaker’ ‘Italiano Neto’, conforme o dizer dos jornais cariocas, são inúmeras as queixas dos jogadores, principalmente da seleção ‘branca’. Estes em proporção foram menos simpáticos ao locutor de ‘encomenda’”^{LXXV}. Do termo utilizado se deduz que Gagliano Neto era acusado de prestar serviço, durante a cobertura esportiva, mediante pagamento. No limite, isso deixa em suspenso até a capacidade de transmitir os acontecimentos em tempo real aos ouvintes brasileiros.

O ponto mais crítico da matéria é a denúncia de que, dentro da delegação, sua performance como radialista também era contestável: “Jogadores chegam a acusá-lo de torcer contra o Brasil, fato bastante grave”. De acordo com o jornal, o defensor Domingos da Guia teria comprovado a torcida velada por conta do comportamento depois da

**DESGRAÇA NACIONAL: A INVENÇÃO DO TRABALHISMO E A
EXPERIÊNCIA DO LOCUTOR GAGLIANO NETO NA COPA DO MUNDO DE
1938
HELICIO HERBERT NETO**

eliminação da seleção brasileira – “Domingos, falando aos jornalistas guanabarininos, disse que após o Brasil ser derrotado pela Itália, passeando por uma movimentada rua de Marselha, encontrou Gagliano Neto sentado num bar, bebendo cerveja à saúde de nossos vencedores”^{LXXVI}. O zagueiro negro era uma referência no time, o que intensifica o peso das acusações.

A questão racial está acentuadamente presente no texto da seção de esportes do veículo de comunicação curitibano. O jornal menciona críticas de atletas pela ênfase para os ídolos negros da equipe, em detrimento do silenciamento de outros jogadores – a exemplo de Tim, que defendia ter se destacado em campo apesar de ser descrito como um dos pontos fracos da seleção^{LXXVII}. A crônica consagrou justamente Domingos e Leônidas como os símbolos da campanha^{LXXVIII}. As impressões eram transmitidas por meio de citações diretas, o que colabora para a percepção de que *O Dia* articula perspectivas pessoais para construir o seu ataque ao locutor. É necessário revisitar esses pontos de vista para que possíveis descontextualizações não sejam tomadas como verdades absolutas.

Machado retoma a visão de Tim para tentar compreender as críticas: “‘El Peón’ declarava sua ‘bronca’ com o locutor Gagliano Netto^{LXXIX} que, durante a irradiação da única partida em que o jogador esteve em campo na Copa do Mundo de 1938, havia criticado sua atuação, dizendo ter sido ele um empecilho ao bom funcionamento do ataque”^{LXXX}. O jogador também era conhecido pelo apelido em espanhol. A tensão entre negros e brancos se opõe à mitologia fundante do miscigenado e genuíno estilo brasileiro no futebol, elaborado por Freyre e colocado em circulação na imprensa como repercussão da campanha da mesma seleção brasileira. Isso novamente reitera as disputas na modalidade.

Ao adotar uma corruptela do “italiano nato” já mencionado, a passagem indica que a crítica já circulava pela imprensa e por conseguinte pelo público, gerando reinterpretações do trocadilho. O próprio texto recupera o passado do locutor na busca por embasamento para os argumentos, apontando para relações menos imediatas: “Novamente, o locutor da P.R.A.3 cometeu ‘gafes’ tremendas omitindo fatos verdadeiros e inventando falsidades”^{LXXXI}. *O Dia* reacende suspeitas a respeito de transmissões anteriores, principalmente em disputas que envolvessem sul-americanos – os relatos reavivavam suspeitas de as narrações de Gagliano Neto terem criado problemas diplomáticos na Argentina em uma viagem^{LXXXII}.

‘À saúde dos nossos vencedores’: Gagliano Neto e o nacionalismo hidrófobo

Inicialmente, as reações ao comportamento de Gagliano Neto suscitam dois apontamentos: é difícil descrever, a partir das fontes consultadas, a pertinência das acusações; no entanto, a conduta parece efetivamente se distanciar do comedimento observado na *Resenha Esportiva* no começo dos anos 1940 na Rádio Nacional. Decorre disso a conclusão de que enquadramento da radiodifusão esportiva a partir dos parâmetros

**DESGRAÇA NACIONAL: A INVENÇÃO DO TRABALHISMO E A
EXPERIÊNCIA DO LOCUTOR GAGLIANO NETO NA COPA DO MUNDO DE
1938**
HELICIO HERBERT NETO

jornalísticos é um equívoco: desde a primeira metade do século XX, as transmissões se apartaram dos ideais que vigorariam nas redações, principalmente após a década de 1950. A oralidade se atrela a cultura popular, facilita a circulação e não se aproxima dos padrões profissionais, importados dos Estados Unidos^{LXXXIII}. A experiência do radialista no Mundial na França ativou, entretanto, um nacionalismo hidrófobo^{LXXXIV}. Essa não é a única expressão do sentimento nacional, mas surge com frequência na conexão com o esporte. As acusações contra Gagliano Neto ganham força em virtude da suposta nacionalidade italiana.

A formação de uma identidade nacional baseada na miscigenação, propugnada por Freyre, encontra resistências justamente na cobertura esportiva que serviria para amplificá-la: o privilégio para os atletas negros é criticado por menosprezar o sucesso de brancos do mesmo time, o que evidencia a distinção de raça e, conseqüentemente, um tensionamento. A precariedade das fontes e a urgência do tema impulsionam novas pesquisas acerca das narrações de Gagliano Neto durante a Copa do Mundo de 1938. As controvérsias em torno da cobertura recuperam as discussões a respeito da cidadania no Brasil, levantadas em *A Invenção do Trabalhismo*, e apontam para as disputas sociais no falar sobre futebol no Brasil, ora na radiodifusão esportiva, ora no dia a dia dos torcedores. O esporte se manifesta, dessa forma, como um lugar de observação para pesquisadores que se interessam pelas construções do sentimento nacional no país e por seus atravessamentos políticos: não apenas devido a imposições do Estado, mas também como manifestações populares.

Notas

^I Formado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é doutor em História Comparada pela UFRJ e mestre em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

^{II} VARGAS, 1995, p. 122.

^{III} PRADO, 2012.

^{IV} GUMBRECHT, 2014; PEREIRA; LOVISOLO, 2014; MACHADO, 2011; HERBERT NETO, 2021.

^V HERBERT NETO, 2022.

^{VI} A noção de cultura popular aqui utilizada deriva da compreensão de Bakhtin (2010)

^{VII} HERBERT NETO, 2022.

^{VIII} SAROLDI; MOREIRA, 1984.

^{IX} VELOSO, 1987; CAPELATO, 2008; DRUMOND, 2008; 2014; LIRA NETO, 2012; COUTO, 2014.

^X HERBERT NETO, 2021; 2022. Gomes (2005) também recorre a esses documentos, como será visto a seguir.

^{XI} NAPOLITANO, 2005.

^{XII} Ibidem.

^{XIII} AGOSTINO, 2002.

^{XIV} MACHADO, 2011.

^{XV} Ibidem.

^{XVI} A edição aqui utilizada data de 2005.

**DESGRAÇA NACIONAL: A INVENÇÃO DO TRABALHISMO E A
EXPERIÊNCIA DO LOCUTOR GAGLIANO NETO NA COPA DO MUNDO DE
1938
HELICIO HERBERT NETO**

- ^{xvii} COUTINHO, 2016.
- ^{xviii} CALABRE (2006) utiliza esse termo para examinar principalmente as radionovelas no Brasil.
- ^{xix} HERBERT NETO, 2022, p. 37.
- ^{xx} MACHADO, 2011.
- ^{xxi} HERBERT NETO, 2022, p. 72.
- ^{xxii} ORTIZ, 1991.
- ^{xxiii} *Ibidem*.
- ^{xxiv} HERBERT NETO, 2022.
- ^{xxv} ORTIZ, 1991, p. 52.
- ^{xxvi} ORTIZ, 1991, p. 53.
- ^{xxvii} *Ibidem*.
- ^{xxviii} ORTIZ, 1991, p. 54.
- ^{xxix} *Ibidem*.
- ^{xxx} HERBERT NETO, 2022, p. 38.
- ^{xxxi} *Ibidem*.
- ^{xxxii} BESPALHOK, 2011.
- ^{xxxiii} BESPALHOK, 2011, p. 63.
- ^{xxxiv} BESPALHOK, 2011, p. 62.
- ^{xxxv} BESPALHOK, 2011.
- ^{xxxvi} HERBERT NETO, 2022, p. 55.
- ^{xxxvii} *Ibidem*.
- ^{xxxviii} HERBERT NETO, 2022, p. 48-49.
- ^{xxxix} OTRIWANO, 2000.
- ^{xl} OTRIWANO, 2000, p. 3, grifos da autora.
- ^{xli} HERBERT NETO, 2022, p. 47-48.
- ^{xlii} *Ibidem*.
- ^{xliii} GOMES, 2005.
- ^{xliv} *Ibidem*.
- ^{xlv} FERREIRA; GOMES, 2014.
- ^{xlvi} FERREIRA, 2006.
- ^{xlvii} GOMES, 2004, p. 24.
- ^{xlviii} *Ibidem*.
- ^{xlix} A autora trabalha com a faixa radiofônica Falando aos Trabalhadores Brasileiros da Rádio Nacional.
- ^l GOMES, 2004, p. 23.
- ^{li} *Ibidem*.
- ^{lii} HERSCHAMNN; LERNER, 1998; PEREIRA, 1998.
- ^{liii} GOMES, 2005, p. 85.
- ^{liv} *Ibidem*.
- ^{lv} GOMES, 2005, p. 105.
- ^{lvi} *Ibidem*.
- ^{lvii} GOMES, 2005, p. 142.
- ^{lviii} ARAÚJO, 2000.
- ^{lix} GOMES, 2005, p. 258.
- ^{lx} TOTA, 1998; DRUMOND, 2008; 2014; LIRA NETO, 2012.
- ^{lxi} GOMES, 2005.
- ^{lxii} GOMES, 2005, p. 239-240.
- ^{lxiii} GOMES, 2005, p. 240.

**DESGRAÇA NACIONAL: A INVENÇÃO DO TRABALHISMO E A
EXPERIÊNCIA DO LOCUTOR GAGLIANO NETO NA COPA DO MUNDO DE
1938
HELICIO HERBERT NETO**

- LXIV HELAL, 2011; NEGREIROS, 2003.
- LXV MARANHÃO, 2006; GUMBRECHT, 2014; HERBERT NETO, 2021.
- LXVI HERBERT NETO, 2022.
- LXVII HERBERT NETO, 2021.
- LXVIII Ibidem.
- LXIX FREYRE, Gilberto. “Foot-ball Mulato”. In: Diário de Pernambuco. Recife, 17 de junho de 1938, p. 4.
- LXX MACHADO, 2011.
- LXXI RIBEIRO, 2007.
- LXXII AGOSTINO, 2001, p. 145.
- LXXIII Ibidem.
- LXXIV GAGLIANO NETO O SPEAKER SEM NOÇÃO DE RESPONSABILIDADE. In: O Dia. Curitiba, 16 de julho de 1938, p. 6.
- LXXV Ibidem.
- LXXVI Ibidem.
- LXXVII Ibidem.
- LXXVIII MÁXIMO; CASTRO, 2010.
- LXXIX A grafia diferente é comum nos registros, mas prevalece a mais utilizada neste artigo.
- LXXX MACHADO, 2011, p. 241.
- LXXXI GAGLIANO NETO O SPEAKER SEM NOÇÃO DE RESPONSABILIDADE. Curitiba, O Dia, 16 de julho de 1938, p. 6.
- LXXXII Ibidem.
- LXXXIII RIBEIRO, 2003.
- LXXXIV HERBERT NETO, 2022, p. 122.

Referências Bibliográficas:

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Maud, 2002.

ARAÚJO, José Renato de Campos. **Imigração e futebol: o caso do Palestra Itália**. São Paulo: Sumaré, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento – O Contexto de François Rabelais**. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BESPALHOK, Flávia Lúcia Bazan. Surgimento e desenvolvimento da reportagem na Emissora Continental do Rio de Janeiro (1948 – 1964). In: MOREIRA, Sonia Virgínia. **70 anos de radiojornalismo no Brasil (1941 – 2011)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 59 - 74.

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

**DESGRAÇA NACIONAL: A INVENÇÃO DO TRABALHISMO E A
EXPERIÊNCIA DO LOCUTOR GAGLIANO NETO NA COPA DO MUNDO DE
1938
HELICIO HERBERT NETO**

COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo Grande, um Brasil Maior: o Clube de Regatas do Flamengo e a construção do imaginário político nacionalista popular (1933 – 1945)**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2019.

COUTO, Euclides de Freitas. **Da Ditadura à Ditadura: Uma história política do futebol brasileiro (1930-1978)**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

DRUMOND, Maurício. **Estado Novo e Esporte – a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1940 – 1945)**. Rio de Janeiro, Editora 7Letras, 2014.

DRUMOND, Maurício. **Nações em Jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

FERREIRA, Jorge. **A democracia no Brasil (1945 – 1964)**. São Paulo: Atual Editora, 2006.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964: O Golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Dança Dionisíaca”? Estilos Nacionais No Futebol Sul-Americano. **Projeto História**. São Paulo, n. 49, pp. 157-164, Abr. 2014.

HELAL, Ronaldo. Futebol e Comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. Comunicação. **Mídia e Consumo**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 21, p. 11-37, 2011.

HERBERT NETO, Helcio. Dansa Dyonisiaca: futebol brasileiro, Dionísio nietzscheano. **Cadernos Nietzsche**. Guarulhos/Porto Seguro, v.42, n.3, setembro/dezembro, 2021, p. 69-88.

HERBERT NETO, Helcio. Deu bicho: Grande Resenha Facit, contravenção e a vitória do Bangu no Campeonato Carioca de 1966. **Record**. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 1-20, jul./dez. 2022.

HERBERT NETO, Helcio. Grande Resenha Facit e udenismo: uma análise sobre partidarismo no gênero televisivo das mesas redondas no Brasil entre 1966 e 1967. **Cadernos de História**. Belo Horizonte, v. 22, n. 36, Junho de 2021, p. 61 - 79.

HERBERT NETO, Helcio. Jogo de Palavras: uma história comparada do comentário esportivo a partir de Resenha Esportiva da Rádio Nacional, na década de 1940, e de Grande Resenha Facit nos anos 1960. **Doutorado** (História Comparada). Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

HERBERT NETO, Helcio. Programas esportivos de mesa redonda: a questão da autoridade em pauta no gênero televisivo. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação).

**DESGRAÇA NACIONAL: A INVENÇÃO DO TRABALHISMO E A
EXPERIÊNCIA DO LOCUTOR GAGLIANO NETO NA COPA DO MUNDO DE
1938**
HELICIO HERBERT NETO

Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

HERBERT NETO, Helcio. Toque de Bola e Constituição Cidadã: o debate sobre o Campeonato Brasileiro de 1988 no gênero das mesas redondas esportivas na televisão. **Revista Brasileira de História da Mídia**. São Paulo, v. 11, n. 1, jan./jun. 2022, p. 238-255.

HERSCHMANN, Micael; LERNER, Kátia. **Lance de Sorte: O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle Époque Carioca**. Diadorim Editora: Rio de Janeiro, 1993.

LIRA NETO. **Getúlio (1930 – 1945): do governo provisório à ditadura do Estado Novo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MACHADO, Felipe Morelli. Bola na rede e o povo nas ruas! Estado Novo, imprensa esportiva e torcedores na Copa do Mundo de 1938. **Dissertação** (Mestrado em História). Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MARANHÃO, Tiago. “Apolíneos e Dionisíacos” – O papel do futebol brasileiro no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do “povo brasileiro”. **Análise Social**. Lisboa, 2006, vol. XLI (179), p. 435-450.

MÁXIMO, João; CASTRO, Marcos de. **Gigantes do Futebol Brasileiro**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

MOREIRA, Sonia Virgínia; SAROLDI, Luiz Carlos. **Rádio Nacional: o Brasil em sintonia**. Rio de Janeiro: Funarte, 1984.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: A História depois do Papel. In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Ed. Contexto, 2005. p. 235-290.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos Anos 1930 e 1940: Construindo a Identidade Nacional. **História: Questões & Debates**. Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **França 1938, III Copa do Mundo: O Rádio Brasileiro estava lá**. São Paulo: BOCC, 2000.

PEREIRA, Camila Augusta; LOVISOLO, Hugo. 1938: o nascimento mítico do futebol-arte brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do. **Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 37-56.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2001.

**DESGRAÇA NACIONAL: A INVENÇÃO DO TRABALHISMO E A
EXPERIÊNCIA DO LOCUTOR GAGLIANO NETO NA COPA DO MUNDO DE
1938
HELICIO HERBERT NETO**

PRADO, Magaly. História do Rádio no Brasil. São Paulo: Editora da Boa Prosa, 2012.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Jornalismo, Literatura e Política: a Modernização da Imprensa Carioca nos anos 1950. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 31, p. 147-160, 2003.

RIBEIRO, André. **Os Donos do Espetáculo**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo Sedutor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VARGAS, Getúlio. **Diário**. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1995.

VELLOSO, Mônica Pimenta. **Os Intelectuais e a política cultural do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação, 1987.

Registros na Imprensa:

GAGLIANO NETO O SPEAKER SEM NOÇÃO DE RESPONSABILIDADE. In: O Dia. Curitiba, 16 de julho de 1938, p. 6.

FREYRE, Gilberto. “Foot-ball Mulato”. In: Diário de Pernambuco. Recife, 17 de junho de 1938, p. 4.